

A VULNERABILIDADE DOS IDOSOS DIANTE DAS PLATAFORMAS E MÍDIAS DIGITAIS

THE VULNERABILITY OF THE ELDERLY IN RELATION TO DIGITAL PLATFORMS AND MEDIA

LA VULNERABILIDAD DE LAS PERSONAS MAYORES EN RELACIÓN CON LAS PLATAFORMAS Y LOS MEDIOS DIGITALES

 <https://doi.org/10.56238/arev8n3-140>

Data de submissão: 27/02/2026

Data de publicação: 27/03/2026

Marcelo Meirelles Rezende

Mestrando em Sociologia Política

Instituição: Universidade Vila Velha (UVV)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2336-874X>

RESUMO

O presente estudo analisa os impactos sociais e emocionais da desinformação na população idosa brasileira, investigando como a arquitetura das plataformas de mensagens instantâneas facilita a manipulação de afetos. A fundamentação teórica ancora-se na governamentalidade algorítmica de Pablo Ornelas Rosa e na análise de redes de Tarcízio Silva, utilizando a pedagogia da autonomia de Paulo Freire como via de resistência. A pesquisa é enriquecida pela observação prática do autor no campo da investigação policial, onde o combate às informações falsas revela-se um desafio de segurança e saúde pública.

Palavras-chave: Idosos. Desinformação. Investigação Policial. Pablo Rosa. Paulo Freire.

ABSTRACT

This study analyzes the social and emotional impacts of misinformation on the Brazilian elderly population, investigating how the architecture of instant messaging platforms facilitates the manipulation of emotions. The theoretical framework is anchored in the algorithmic governmentality of Pablo Ornelas Rosa and the network analysis of Tarcízio Silva, using Paulo Freire's pedagogy of autonomy as a means of resistance. The research is enriched by the author's practical observation in the field of police investigation, where combating false information proves to be a challenge for public safety and health.

Keywords: Elderly. Misinformation. Police Investigation. Pablo Rosa. Paulo Freire.

RESUMEN

Este estudio analiza los impactos sociales y emocionales de la desinformación en la población anciana brasileña, investigando cómo la arquitectura de las plataformas de mensajería instantánea facilita la manipulación de las emociones. El marco teórico se fundamenta en la gubernamentalidad algorítmica de Pablo Ornelas Rosa y el análisis de redes de Tarcízio Silva, utilizando la pedagogía de la autonomía de Paulo Freire como medio de resistencia. La investigación se enriquece con la observación práctica del autor en el ámbito de la investigación policial, donde la lucha contra la desinformación representa un desafío para la seguridad y la salud pública.

Palabras clave: Ancianos. Desinformación. Investigación Policial. Pablo Rosa. Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da desinformação no Brasil contemporâneo não se restringe a um problema de checagem de fatos; trata-se de uma crise de segurança pública e integridade psicossocial. Esta pesquisa parte de uma trajetória acadêmica e profissional dedicada à compreensão das normas e da ordem pública. Como bacharel em Direito e especialista em Segurança Pública, e atuando diretamente no cotidiano da Polícia Civil, observo que a propagação de informações falsas transcende o ambiente virtual, gerando consequências materiais, crimes de estelionato e graves conflitos interpessoais.

A experiência na investigação policial permite notar que a terceira idade é o grupo mais vulnerável à "plataformização" do engano. O que se vê no balcão da delegacia e nos registros de ocorrência é o reflexo de um ecossistema digital que prioriza o engajamento emocional em detrimento da verdade factual. No exercício da função policial, o enfrentamento às fake news revela que a desinformação é utilizada como uma ferramenta de engenharia social para manipular medos e fragilidades. A observação empírica baseia-se na experiência profissional do autor no âmbito da Polícia Civil, sendo utilizada como recurso interpretativo para identificação de padrões recorrentes na relação entre desinformação e práticas delitivas."

Dessa forma, este artigo propõe analisar como a arquitetura das plataformas, em especial o WhatsApp, atua como um dispositivo de controle que adoece emocionalmente o idoso. Para tanto, utiliza-se a base teórica de Rosa (2016) sobre o controle biopolítico e as tecnologias de vigilância, dialogando com a necessidade de autonomia defendida por Freire (1996). O objetivo é compreender como a segurança do idoso no ambiente digital depende menos de ferramentas de bloqueio e mais de um processo de letramento crítico que o proteja da manipulação algorítmica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão da desinformação no ambiente digital exige a análise das transformações contemporâneas nas formas de exercício do poder. Nesse sentido, o conceito de governamentalidade algorítmica, desenvolvido por Pablo Ornelas Rosa, permite compreender como os processos de controle social passam a operar por meio da coleta, processamento e análise de dados em larga escala.

Diferentemente dos modelos disciplinares clássicos, baseados na vigilância direta, a governamentalidade algorítmica atua de forma difusa e contínua, orientando comportamentos a partir da modulação dos fluxos informacionais. As plataformas digitais, ao organizarem o acesso ao conteúdo por meio de sistemas automatizados de recomendação, não apenas distribuem informações, mas influenciam percepções, emoções e decisões dos usuários.

No caso da população idosa, essa dinâmica assume contornos específicos. A interação com conteúdos mediada por algoritmos ocorre frequentemente em contextos de baixa familiaridade tecnológica, o que pode reduzir a capacidade de identificação de padrões manipulativos, ampliando a suscetibilidade à desinformação.

A lógica de funcionamento das plataformas digitais pode ser aprofundada a partir da teoria do capitalismo de vigilância proposta por Shoshana Zuboff. Segundo a autora, as grandes plataformas operam por meio da extração de dados comportamentais dos usuários, transformando-os em insumos para predição e modificação de comportamentos.

Esse modelo econômico está diretamente associado à chamada economia da atenção, na qual o tempo de permanência e o engajamento dos usuários tornam-se recursos estratégicos. Nesse contexto, conteúdos que despertam emoções intensas — como medo, indignação ou urgência — tendem a ser privilegiados pelos algoritmos de recomendação.

Tal dinâmica contribui para a amplificação da desinformação, uma vez que mensagens falsas frequentemente apresentam maior apelo emocional do que informações verificadas. Para a população idosa, esse cenário é particularmente sensível, pois conteúdos alarmistas frequentemente exploram temas relacionados à segurança, saúde e direitos sociais, ativando medos e vulnerabilidades específicas.

A disseminação da desinformação não pode ser compreendida apenas a partir da tecnologia, sendo necessário considerar as dinâmicas sociais que estruturam as redes digitais. Conforme destaca Manuel Castells, a sociedade em rede caracteriza-se pela descentralização dos fluxos comunicacionais e pela ampliação da capacidade de circulação de informações entre indivíduos.

Entretanto, essa mesma estrutura favorece a propagação de conteúdos não verificados, especialmente quando associada a relações de confiança interpessoal. No contexto das plataformas de mensagens, como WhatsApp, a credibilidade da informação está frequentemente vinculada à identidade do remetente, e não à verificação de sua veracidade.

As contribuições de Tarcízio Silva reforçam essa perspectiva ao evidenciar que o design das plataformas prioriza a velocidade e a fluidez do compartilhamento, reduzindo o atrito necessário para a reflexão crítica. Nesse ambiente, o ato de compartilhar torna-se mais imediato do que o ato de verificar, favorecendo a disseminação de conteúdos enganosos.

A relação entre algoritmos e circulação de conteúdo pode ser compreendida a partir das análises de Zeynep Tufekci, que demonstram como os sistemas de recomendação tendem a conduzir usuários a conteúdos progressivamente mais intensos ou polarizados. Esse processo ocorre porque os

algoritmos são otimizados para maximizar o engajamento, identificando padrões de comportamento e ajustando o fluxo informacional de forma contínua.

Esse mecanismo pode gerar efeitos de reforço cognitivo, nos quais os usuários passam a ser expostos predominantemente a conteúdos alinhados às suas crenças e emoções. Para a população idosa, essa dinâmica pode resultar na consolidação de percepções distorcidas da realidade, especialmente quando associada à repetição de mensagens em redes de confiança.

Além disso, estudos empíricos indicam que usuários mais velhos apresentam maior propensão ao compartilhamento de conteúdos desinformativos, o que reforça a necessidade de compreender esse fenômeno a partir de uma perspectiva que integre fatores tecnológicos e sociais.

Diante desse cenário, a superação da vulnerabilidade informacional exige o desenvolvimento de estratégias que transcendam soluções meramente tecnológicas. A pedagogia crítica de Paulo Freire oferece um referencial fundamental ao enfatizar a importância da autonomia e da consciência crítica na relação com o conhecimento.

Aplicado ao contexto digital, o pensamento freiriano sugere que o enfrentamento da desinformação passa pela formação de sujeitos capazes de interpretar, questionar e contextualizar as informações que consomem. O letramento digital crítico, nesse sentido, não se limita ao domínio técnico das ferramentas, mas envolve a compreensão das lógicas de funcionamento das plataformas e de seus interesses econômicos e políticos.

Assim, a construção de uma cidadania digital efetiva depende da articulação entre educação, políticas públicas e regulação das plataformas, de modo a reduzir assimetrias informacionais e promover maior autonomia dos usuários, especialmente entre grupos mais vulneráveis, como a população idosa.

3 O LETRAMENTO COMO RESISTÊNCIA

A expansão do acesso à internet no Brasil reforça a centralidade das plataformas digitais na organização da vida social contemporânea. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicam que, em 2023, cerca de 88,0% da população com 10 anos ou mais utilizava a internet, com crescimento expressivo entre idosos, cuja taxa de uso alcançou aproximadamente 66,0%. Esse avanço, contudo, não implica necessariamente em autonomia informacional. Pelo contrário, a inserção acelerada desse grupo em ambientes digitais estruturados por algoritmos de recomendação pode ampliar sua exposição a conteúdos enganosos. Evidências internacionais corroboram essa hipótese: estudo de Andrew Guess, Jonathan Nagler e Joshua Tucker, publicado na revista Science

Advances, demonstra que usuários com mais de 65 anos apresentam maior propensão ao compartilhamento de links associados à desinformação em plataformas digitais.

Esse cenário pode ser interpretado à luz da lógica do capitalismo de vigilância descrita por Shoshana Zuboff, na qual a extração e monetização de dados comportamentais incentivam a circulação de conteúdos capazes de maximizar engajamento, frequentemente baseados em apelos emocionais. Ao mesmo tempo, como argumenta Manuel Castells, as redes digitais reconfiguram a estrutura da comunicação social, criando fluxos descentralizados que ampliam a velocidade de disseminação da informação, mas também fragilizam mecanismos tradicionais de validação. Nesse contexto, a vulnerabilidade informacional dos idosos não deve ser compreendida apenas como resultado de limitações individuais, mas como efeito de uma arquitetura sociotécnica que combina algoritmos, economia da atenção e dinâmicas de confiança interpessoal.

Para contrapor essa lógica de controle, a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996) oferece um caminho. Não basta a instrução técnica; é preciso o desenvolvimento da curiosidade crítica. Para Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra (1996, p. 32). Aplicar o pensamento freiriano ao contexto digital significa capacitar o idoso para identificar as intenções por trás da interface, devolvendo-lhe a dignidade e a autonomia. A análise da vulnerabilidade informacional da população idosa exige ultrapassar explicações centradas exclusivamente em fatores individuais, como baixa escolaridade ou dificuldade técnica no uso de dispositivos digitais. Embora tais elementos sejam relevantes, eles se mostram insuficientes diante da complexidade do ecossistema informacional contemporâneo. Como argumenta Zeynep Tufekci, as plataformas digitais operam por meio de arquiteturas que amplificam conteúdos com maior potencial de engajamento, independentemente de sua veracidade, criando ambientes propícios à viralização de narrativas emocionalmente intensas. Nesse contexto, a desinformação não se difunde apenas por erro ou desconhecimento, mas como resultado de um modelo estrutural orientado pela maximização da atenção.

Adicionalmente, a personalização algorítmica tende a reforçar padrões comportamentais preexistentes, criando ciclos de retroalimentação informacional que dificultam a contestação de crenças. Esse processo pode ser compreendido como uma forma de “aprisionamento cognitivo”, no qual o indivíduo passa a interagir predominantemente com conteúdos alinhados às suas percepções e emoções. Para a população idosa, esse fenômeno é potencializado por dinâmicas de confiança interpessoal e pela menor familiaridade com mecanismos de verificação de informação, o que amplia a probabilidade de compartilhamento de conteúdos enganosos.

Dessa forma, a desinformação deve ser entendida como um fenômeno sociotécnico, no qual tecnologia, comportamento e estrutura social se articulam de maneira indissociável. Tal abordagem permite deslocar o foco da responsabilização individual para a análise crítica das plataformas digitais, evidenciando a necessidade de estratégias que combinem educação, regulação e redesign das arquiteturas informacionais. A relação entre desinformação e segurança pública constitui um dos aspectos mais sensíveis e ainda pouco explorados na literatura brasileira. A partir da observação empírica no contexto da investigação policial, verifica-se que a circulação de conteúdos enganosos não apenas produz desinformação difusa, mas também atua como vetor direto de práticas criminosas, especialmente em casos de estelionato digital. Mensagens fraudulentas que simulam comunicações oficiais, pedidos de ajuda de familiares ou falsas oportunidades financeiras exploram vínculos afetivos e urgência emocional, elementos frequentemente intensificados pela dinâmica das plataformas digitais.

Nesse cenário, a população idosa apresenta-se como grupo particularmente vulnerável, não apenas pela menor familiaridade com ferramentas tecnológicas, mas pela centralidade que relações de confiança ocupam em suas práticas comunicacionais. A engenharia social utilizada nesses golpes opera precisamente na interseção entre tecnologia e emoção, explorando padrões de comportamento que são amplificados por sistemas algorítmicos.

Além disso, a desinformação também contribui para a geração de conflitos interpessoais, disseminação de pânico moral e sobrecarga das instituições de segurança pública, que passam a lidar com ocorrências derivadas de informações falsas. Esse fenômeno evidencia que a desinformação deve ser compreendida não apenas como problema comunicacional, mas como questão de ordem pública, exigindo respostas institucionais integradas que articulem políticas de prevenção, educação digital e investigação especializada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vulnerabilidade do idoso frente à desinformação é um sintoma de uma arquitetura digital desenhada para o controle de condutas. A partir da prática policial e da análise sociológica, conclui-se que o combate às fake news deve ser encarado como uma política de cuidado. A articulação entre a teoria de Pablo Rosa e a pedagogia de Paulo Freire demonstra que a solução reside no fortalecimento da subjetividade do idoso e na reconstrução de pontes de diálogo afetivo, garantindo que a tecnologia seja ferramenta de conexão, e não de manipulação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. ROSA, P. O. Biopolítica, controle e tecnologias de vigilância. Vitória: Flor de Liz, 2016. SILVA, T. Racismo Algorítmico: Inteligência Artificial e Discriminação nas Redes Digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022. CGI.BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil (TIC Domicílios). São Paulo, 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em 2023, 88,0% das pessoas com 10 anos ou mais utilizaram a internet. Agência de Notícias IBGE, 2024. CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra.

ZUBOFF, Shoshana. The Age of Surveillance Capitalism. New York: PublicAffairs, 2019.

TUFEKCI, Zeynep. Twitter and Tear Gas. Yale University Press, 2017.

CGI.br. TIC Domicílios 2023.

Andrew Guess; Jonathan Nagler; Joshua Tucker. Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook. Science Advances, 2019.

Shoshana Zuboff. The Age of Surveillance Capitalism. New York: PublicAffairs, 2019.

Manuel Castells. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra.